

Rodízios que não giram
Marcelo Tramontano. 2004

como citar este texto:

TRAMONTANO, M. . Rodízios que não giram. Revista Abimóvel, Curitiba, p. 4 - 4, 01 dez. 2004. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html> Acessado em: dd / mm / aaaa

RESUMO

a evolução recente da moradia brasileira metropolitana em geral apresenta duas recorrências principais: por um lado, a articulação de seus espaços continua a reproduzir o modelo burguês parisiense do século XIX, visando os hábitos mundanos da burguesia ascendente da época e exportado para todo o mundo civilizado de então, que se calca na tripartição em zonas Social, Íntima e de Serviços. Por outro, nota-se a progressiva exigüidade de seus espaços, devida a fatores diversos como o aumento do preço do solo urbano, a diminuição de pessoal doméstico, o que, no entanto, não altera sua compartimentação funcional: nossa moradia convencional divide-se em cômodos cada vez menores, que ainda obedecem uma ordem datada de há quase cento e cinquenta anos.

Rodízios que não giram Dr. Marcelo Tramontano, Nomads.usp

Estudos populacionais de diversas naturezas, inscritos em diferentes campos disciplinares, com fins variados e em países distintos, têm convergido, ao longo das últimas décadas, para uma conclusão comum: o grupo doméstico conhecido como Família Nuclear, formado por pai, mãe e filhos, absolutamente dominante em quaisquer pesquisas demográficas nas principais metrópoles ocidentalizadas durante a maior parte do século XX, vem gradativamente cedendo lugar a outros formatos familiares em expansão. No Brasil, sua participação no total dos grupos que era, na década de 1940, de mais de 80%, vai sistematicamente reduzir-se até representar, em 2000, apenas 55,8% do conjunto.¹ Instigante, no entanto, é saber que os outros 44,2% identificados em 2000 não correspondem a um perfil único, mas a uma crescente diversidade de formatos: pessoas vivendo sós em diferentes momentos da vida, famílias monoparentais, casais sem filhos, coabitantes sem vínculo conjugal ou de parentesco, casais não oficialmente casados, etc.. A essa variedade de perfis vêm associar-se padrões de comportamento que até há pouco tempo inexistiam ou não eram bem aceitos socialmente: o culto ao próprio corpo, traduzindo-se seja pela sua modelação estética e conseqüente exposição, seja por cuidados às vezes excessivos com a saúde, seja pela reivindicação de momentos de relaxamento após jornadas estressantes; a volta do trabalho remunerado ao interior doméstico, estimulada pelas constantemente renovadas possibilidades de comunicação à distância; o aumento do tempo passado em casa, resultado de fatores diversos, respaldando interesses mercadológicos que têm superequipado o espaço da habitação com mobiliários e equipamentos nem sempre necessários.

Leituras e análises destas e de outras alterações comportamentais e demográficas vêm sendo realizadas pelo **Nomads.usp** Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida, da Universidade de São Paulo, com o intuito de compará-las ao mapeamento dos espaços residenciais oferecidos à população pelo mercado e por arquitetos, pretendendo-se verificar sua adequação e propor estratégias de intervenção. Além de novas estruturas espaciais, o Núcleo tem proposto a elaboração de um repertório construtivo que priorize preocupações de cunho ambiental, através do desenvolvimento de vários trabalhos sobre critérios de redesenho dos espaços e do mobiliário doméstico, concentrados em três linhas de pesquisa: Habitação Metropolitana, Habitação&Virtualidade, e Habitação&Ambiente.² De acordo com tais estudos, a evolução recente da moradia brasileira metropolitana em geral apresenta duas recorrências principais: por um lado, a articulação de seus espaços continua a reproduzir o modelo burguês parisiense do século XIX, visando os hábitos mundanos da burguesia ascendente da época e exportado para todo o mundo civilizado de então, que se calca na tripartição em zonas Social, Íntima e de Serviços. Por outro, nota-se a progressiva

¹ Dados do IBGE: Recenseamentos Gerais de 1950 e de 2000.

² Mais informações no site do Nomads.usp: www.eesc.usp.br/nomads

exigüidade de seus espaços, devida a fatores diversos como o aumento do preço do solo urbano, a diminuição de pessoal doméstico, o que, no entanto, não altera sua compartimentação funcional: nossa moradia convencional divide-se em cômodos cada vez menores, que ainda obedecem uma ordem datada de há quase cento e cinquenta anos.

Parte integrante e essencial destes interiores, o mobiliário e os equipamentos não parecem ter uma história muito distinta. Desde que os moveleiros renascentistas timidamente passaram a sugerir critérios funcionais para o seu desenho – só definitivamente aceitos pela burguesia da *Belle Epoque* –, até hoje, cinco séculos se passaram nos quais a população ocidentalizada acostumou-se a comer em mesas, a sentar-se em cadeiras, a dormir em camas, e os equipamentos de higiene passaram a compor, juntamente com os destinados à preparação de alimentos, a parte fixa da habitação, ligada a redes públicas externas de abastecimento e escoamento. A olho nu, o que se vê na cena brasileira do *design* de interiores dessa virada de século são estas mesmas peças redesenhadas, abrigando com algum improviso as novas funções propostas pelos novos comportamentos dos usuários: atualizada com traços da moda, é a velha e boa escrivaninha que recebe o computador, enquanto sofás e poltronas se vêem adornados com rodízios que não giram, dada a exigüidade dos espaços que irão mobiliar. Tudo indica que a razão central deste, digamos, descompasso, esteja em um equívoco inicial de projeto: limitando-se a rejuvenescer o *design* de sofás e cozinhas, nossos *designers* e industriais moveleiros não estariam percebendo a enorme mudança de costumes em curso, não enxergando, portanto, motivos para reestudar certas atividades desenvolvidas no espaço doméstico, como “relaxar”, “trabalhar”, “isolar-se”, “receber”, etc..

Desses profissionais espera-se, sim, uma grande contribuição, como participantes, diretos ou indiretos, da concepção do espaço doméstico em nosso país. Novas formas de ocupação desse espaço, mais adequadas às atuais tendências comportamentais, aguardam para ser exploradas. Trata-se de um dos momentos mais instigantes e estimulantes de toda a história da arquitetura e do *design*, em que temos a possibilidade de rever, respaldados por séculos de experiência e apoiados em novas tecnologias emergentes, o próprio conceito de domesticidade.